

A memória é uma companhia?

Acordei antes das quatro porque meu sono, assim como o de muitos, pelo que tenho percebido em conversas com amigos e também através da imprensa, anda muito perturbado em razão da pandemia, do isolamento social, dos tantos dias sem a luz e o calor do sol, fugindo à contaminação pelo vírus.

Pensei em aproveitar a insônia para terminar a leitura do terceiro romance de uma mesma autora, mas como o *tablet* estava ao meu lado na cama, resolvi olhar publicações de amigos no *Facebook*. A virtualidade me fez seguir por uma longa viagem.

Caí num *looping* de fotografias do Rio antigo. O perfil chama-se "O Rio De Janeiro Que Não Vivi". Senti logo uma contradição, pois me percebi diante do meu mundo vivido, de minhas recordações. Comecei a ter medo de não conseguir mais sair dali. Como Alice, fiquei instantaneamente pequena ao me deparar com a Sapataria Clark, em 1941.

Nos anos 60, ela era a dona dos meus passos durante os quatro anos de Ginásio, como se dizia então, no Colégio Estadual João Alfredo. E seguiu comigo até o Colegial, hoje Ensino Médio, deixando as calçadas de Noel, na Vila, para subir e descer a ladeira do Colégio Estadual Bento Ribeiro, no Méier.

Meu par de sapatos teve história. Chegou a meus pés porque o primo de uma vizinha trabalhava para os ingleses, e, quando a fábrica faliu, recebeu, como parte da indenização, alguns desses calçados, que primavam pela qualidade do material e excelência do acabamento.

Eram pretos, de um couro brilhante, forrados internamente por tecido firme. O solado era de borracha durável, e o que mais me atraía era seu feitio, por fugir à linha dos tradicionais "Tanque", sendo seu bico arredondado.

Aos elogios, segue a crítica. Conviver tantos anos, quase diariamente, com esse companheiro, tornou-se entediante. Acreditem, ou não, ao passar para outras mãos, ainda tinha solado praticamente intacto e leve desgaste do couro, que era engraxado zelosamente com Zezo líquida. Houve momentos em que sonhava com seu fim.

Meu olhar se desviou para uma outra imagem que poderia fazer parte do meu inventário de vivências: uma foto do *Shopping Center* do Méier.

Junto, um textinho informava que foi o primeiro a ser inaugurado no Brasil e também a ter a primeira escada rolante do Rio.

Mais uma vez me vem o meu sapato herói. Era ele que suportava as corridas desenfreadas, ladeira abaixo, para entrar no reino do prazer que o *Shopping* oferecia. Lá podia tomar *sundae* e *milk-shake* no *Bob's* e deliciar-me com a banana *split* da Lobras.

De repente, meus olhos avistaram a calçada do Bar Sympathia, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio. Senti um perfume de coco. Como Proust, com suas "madeleines", penetrei um túnel de novas e tentadoras lembranças. Meu tio Orlando e eu... Meu tio, que me levava ao parque e à roda gigante, adorava tomar frapê de coco no Sympathia.

Quase sete da manhã, penso nas crianças que não podem correr pelas calçadas, abraçar seus amigos na entrada da escola, conviver com seus professores,

sonhar com o sinal de saída para brincar alegres nas ruas, por causa da pandemia.

Aposto na Ciência! Já nos vejo vacinados e livres para convivermos com nossos queridos, à luz e ao calor do sol e da esperança solidária.



Foto de 1941, no Méier, em que aparece a Sapataria Clarke, retirada do perfil "O Rio De Janeiro Que Não Vivi", no Facebook



Foto de 1969, publicada no livro "Bem-vindos ao Grande Méier - História, memória e vivência"



Foto do Bar Sympathia, na Avenida Rio Branco, em 1939, retirada do perfil "O Rio De Janeiro Que Não Vivi", no Facebook

Referência bibliográfica:

<https://jidduksonline.com.br/cidadedohaicai-marcia-borges/>

Sobre a autora:

Marcia Borges, formada em Letras pela UFRJ, é professora, revisora e escritora. Para acessar alguns de seus trabalhos veja o link